

Arte, paixão e ousadia

Versátil, a cidade respira cidadania, luta, dignidade. Por todas as partes, ecos de consciência e liberdade. Aqui encontra-se o único Cristo negro do Centro-Oeste. Prova de que os corações e mentes samambaienses estão livres de preconceitos e acima de raças ou etnias

GUSTAVO MARCONDES

DA EQUIPE DO CORREIO

Carlos Moura/CB/25.3.05

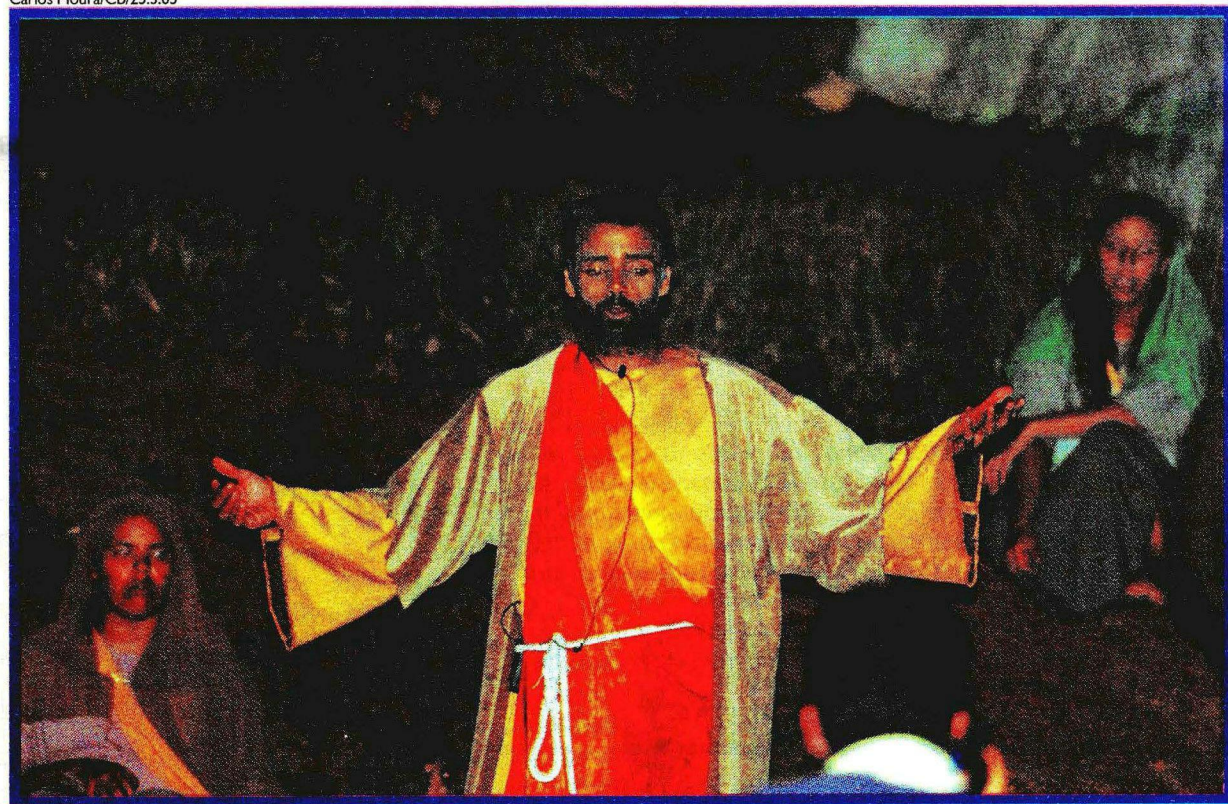
Cruz negra

Duas das culturas mais ricas do Brasil, a negra e a nordestina, estão sendo resgatadas pelo povo de Samambaia. Com o trabalho do Grupo Teatral Frutos da Paixão e da equipe de quadrilha Êta Lasquêra, o cidadão local se vê representado em várias apresentações e festas da cidade. “Queremos elevar a auto estima do povo de Samambaia, em sua maioria negros e nordestinos, ao mostrar a beleza de suas origens”, afirma o policial militar, ator e diretor dos grupos, Gilberto Alves da Silva.

Gilberto é o ator que interpreta o único Cristo negro do Brasil na famosa Via Sacra de Samambaia. Uma tradição local que atrai atenção de gente de todo o DF, mas que causou apreensão quando o grupo Frutos da Paixão o idealizou, em 1998. “Ficamos ansiosos quanto à reação das pessoas. O que nos motivou a seguir em frente foi o apoio do padre Alberto Trombini, da Paróquia Santa Luzia”, afirma outro diretor, o comerciante Lindomar Dantas.

Lindomar explica que a realização da Paixão do Cristo Negro não simboliza apenas que Jesus poderia ter sido negro. Envolve a discussão de série de outras questões sociais, como o desemprego, o preconceito, a exclusão e os sem terra. “Os textos da peça são fundamentados em Frei Beto, Leonardo Boff, na Teoria da Libertação”, afirma o comerciante. “Dessa forma, aproximamos o Cristo das pessoas que assistem à encenação, quebrando o estereótipo do Cristo ocidental de olhos azuis e mostrando que ele pode ser vivenciado por qualquer povo”, resume Gilberto.

Com a quadrilha Êta Lasquêra, os artistas promoveram outra revolução cultural no DF. Até a criação do grupo, em 2001, as quadrilhas só faziam apresentações tradicionais. “Fomos a primeira a trabalhar uma história temática, sempre destacando a cultura nordestina. Cada passo que fazemos tem uma história. Até mesmo os acentos circunflexos do nosso



O ATOR E DIRETOR TEATRAL GILBERTO SILVA INTERPRETA JESUS E DIZ QUE TEXTOS SÃO INSPIRADOS NA TEORIA DA LIBERTAÇÃO

nome foram colocados em homenagem ao tradicional chapéu de cangaceiro”, diz Gilberto.

No primeiro ano, com o tema Cangaço e Seca, levaram o segundo lugar no Concurso Regional de Quadrilhas do Sesi e o sexto no Circuito de Quadrilhas do DF. Nos dois anos seguintes, o Êta Lasquêra foi campeão em ambas as competições, com os temas *Seca* e *Virgulino Lampião*. Em 2004, mais uma bela representação com o tema *Sofrimento do Povo Nordestino*. Desde que a equipe surgiu, virou mania

fazer apresentações temáticas nas quadrilhas do DF.

“A caracterização da temática nordestina emociona. Certa vez uma senhora chorou lembrando a terra natal. Isso nos gratifica”, afirma Gilberto. Para ele, o trabalho do Êta Lasquêra e do Frutos da Paixão ajuda a diminuir a criminalidade em Samambaia na medida em que forma e ocupa os jovens. O próximo projeto dos grupos é promover, em agosto, uma grande Festa Folclórica em Samambaia, com a representação da cultura de vários pontos do Brasil.



GUERREIRA, ROSALINA BRIGA HÁ DÉCADAS PELO SEU POVO

Mãe de todos

Se não fosse pela vontade de pioneiros como a costureira Rosalina da Costa Gonçalves, Samambaia seria um lugar diferente. Com trabalho voluntário e muita pressão sobre o governo, a baiana de Brejolândia mudou o cenário da cidade. Ajudou a trazer a luz, água, telefone e asfalto para muitas das quadras de Samambaia.

Foi por iniciativa dela que os moradores da 509, por exemplo, resolveram não esperar o auxílio do Estado e fizeram todo o encanamento das casas por conta própria. Depois, com muitos abaixo-assinados, Rosalina foi trazendo o resto da infra-estrutura.

“Com o tempo, as pessoas passaram a vir à minha casa para fazer reivindicações. Como não sei dizer ‘não’, virei uma mãezona da comunidade”, diz orgulhosa. “Fazia tanta coisa que faltava tempo para criar meus quatro filhos”.

Hoje, Rosalina faz papel até de conselheira familiar quando as coisas não vão bem com adolescentes e crianças na escola. Mas ela gosta mesmo é de trazer progresso para a cidade. Só no último mês conseguiu que fossem instalados dois pontos de ônibus perto de onde mora, na 509, por reivindicação dos moradores.

Além disso, Rosalina pede verduras no Ceasa para fazer um sopão que entrega a mais de 400 pessoas. Faz tudo isso por amor à Samambaia, cidade na qual veio morar em 1990, quando o local não tinha nada a não ser os barracos. “Eu subia nos ônibus e as pessoas sabiam que era de Samambaia porque a calça estava toda suja de poeira. Não tinha vontade de sair naquela época e muito menos agora, depois de tantas vitórias”, afirma. E avisa: vai lutar por muita coisa ainda, especialmente por mais espaços de lazer para os jovens.

Amor à primeira fotografia

Quando Êlton Scartazini viu uma foto do cerrado numa edição do **Correio Braziliense** de 1989 com a legenda “Aqui será Samambaia”, o artista plástico, à época de passagem por Brasília e sem rumo certo na vida, pensou: “que São Paulo e Rio de Janeiro que nada, eu vou é pra Samambaia”. No mesmo ano, ajudou o sogro a capinar o lote e botar cerca de arame para fixar residência na cidade que acabava de nascer. Quinze anos depois, e com muitos trabalhos culturais, é um dos responsáveis por romper o preconceito que a cidade carregou por anos.

“Trabalho a imagem de Samambaia nas outras cidades do DF. Com nossos projetos, mostramos que temos dignidade e nos damos valor. Uma exigência da comunidade local”, explica Scartazini. O primeiro trabalho dele para a cidade foi a exposição “Samambaia vai à Taguatinga”, em 1997, em que artistas locais mostraram sua arte na cidade vizinha. “Foi o primeiro passo para acabar com o preconceito contra nossa comunidade”, lembra.

Em 2001, na época do aniversário da cidade, Scartazini elaborou o Samambaia vai à Câmara Distrital, em que mais de 500 alunos de escolas públicas foram à sede do poder Distrital para mostrar a cara da cidade e aprender cidadania. Nos mesmos moldes foram realizados Samambaia vai à Câmara Federal, em 2003, Samambaia



SCARTAZINI VIU O CERRADO PELO JORNAL E SE APAIXONOU INSTANTANEAMENTE PELA REGIÃO

vai ao Teatro Nacional, em 2004, sempre com exposições sobre a cidade e visita de estudantes locais.

Neste ano, Scartazini promete dar um presente definitivo à cidade. Vai construir um monumento em ferro e concreto armado para ficar no balão do cruzamento da Avenida Central com a 2ª Avenida Norte. Ele espera que o “Lugar ao Sol”, nome da futura obra de arte, se torne um símbolo local.

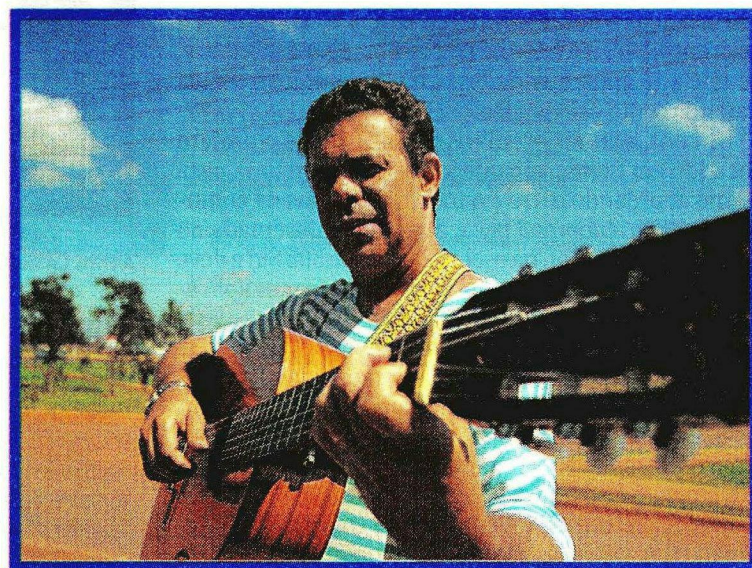
Voz carimbada

É só ouvir a voz do músico e locutor Maciel “Classe A” que os cidadãos de Samambaia se animam. Figura carimbada, Maciel esteve presente em praticamente todos os eventos da cidade nos últimos anos. Aniversário de Samambaia, Via Sacra, Festas Juninas e os tradicionais shows e bingos de domingo na Feira Permanente. Sempre como a voz que anuncia as atrações — quando não é uma delas — e anima a platéia, Maciel é a voz mais conhecida da cidade.

Nascido Edson Cândido da Silva, em Araguari, Minas Gerais, virou Maciel para compor o nome da antiga dupla sertaneja D. Marques e Maciel. Veio para Samambaia há 13 anos. Foi amor imediato pela cidade que diz não largar nunca mais. “Tenho paixão por aqui desde o tempo em que carregava a viola nas costas e atolava os pés no barro”, afirma.

Nessa época, ele se apresentava no Cariri, na Praça do Bicário, em Taguatinga, e só voltava para casa de carona, ao amanhecer. Ele lembra, também, do tempo em que os cidadãos locais eram marginalizados no DF e agora comemora a boa qualidade de vida local.

Hoje Maciel se tornou uma espécie de porta-voz da



OMACIEL CLASSE A ESTÁ EM TODAS: ANIVERSÁRIOS, CASAMENTOS E BINGOS

cidade. Precisa-se de banheiros na Feira Permanente? É para ele que as pessoas reclamam. Já fez também vários comícios na cidade. “O problema é que, quando o político não cumpre a promessa, o povo reclama para mim”, brinca o violeiro, que só se sente realizado ao ajudar o povo de Samambaia.